

“Eximbank deseja ser o primeiro a reabrir crédito para o Brasil”

por Paulo Sotero
de Nova York

O vice-presidente do Eximbank, William F. Ryan, disse ontem, em Nova York, que o Eximbank “foi a última agência oficial de financiamento de exportação a fechar o crédito para o Brasil e deseja ser a primeira a reabri-lo”. Falando “com a franqueza que deve existir entre os amigos” e que surpreendeu os brasileiros presentes ao almoço promovido pela Câmara Brasileira Americana de Comércio, de Nova York, Ryan criticou a postura brasileira no passado recente, “de agir como se já tivesse obtido um reescalonamento da dívida com o Clube de Paris”. “O Eximbank foi forçado a parar de processar as transações de médio e longo prazo para o País porque o Brasil se recusou a dar os passos apropriados para pôr em dia os pagamentos de empréstimos passados”, afirmou.

Ryan discursou em nome do presidente do Eximbank, John Bohn, que não

pôde comparecer em virtude do falecimento de seu pai. “Os pagamentos em atraso do Brasil ao Eximbank passam de US\$ 325 milhões e continuam a crescer”, afirmou ele. “Nós somos forçados a perguntar: como o Eximbank, usando dinheiro do contribuinte americano, pode justificar novos empréstimos a um país que está em condições de pagar e se recusa a fazê-lo?”

Ryan anotou a recente deterioração das contas externas do País e, reforçando a expectativa generalizada, indicou que os problemas do Brasil com o Eximbank poderão ser superados através de um acordo com o Clube de Paris. Este, por sua vez, depende do tom de uma declaração que o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosiére, fará aos países-membros do Clube de Paris. “Nós estamos todos ansiosos para saber o que de Larosiére dirá”, afirmou o vice-presidente do Eximbank.

“Mas eu não sei se sua

declaração será interpretada como sendo suficiente para justificar um reescalonamento, pois normalmente o acordo com o Clube de Paris depende de um acordo formal do país com o FMI ou, alternativamente, de um esquema de vigilância da economia pelo FMI. Este é um novo caso”, ressaltou ele, referindo-se à posição brasileira de limitar o papel do FMI ao relatório produzido pela missão de consulta anual da instituição.

Ryan indicou que os pedidos de financiamento para exportações para o Brasil já formam algumas pilhas. Segundo informação prestada por John Bohn a este jornal, em setembro, esses pedidos somavam um volume de negócios na casa dos US\$ 600 milhões. Fontes financeiras acreditam que esse montante é substancialmente maior agora.

Enfatizando o bom tratamento que o Eximbank tradicionalmente deu ao Brasil — “em 1983, nós não fechamos o crédito ao Brasil, ao contrário dos demais países industrializados”, lembrou ele —, Ryan criticou o que chamou de

“política predatória” de subsídios à exportação praticada pela Cacex e pelo Finex. Nesse particular, lembrou a iniciativa inédita que o banco tomou no primeiro semestre deste ano de financiar duas operações internas nos EUA para neutralizar exportações de turbinas brasileiras para pequenas usinas hidrelétricas na Pensilvânia.

O vice-presidente do Eximbank disse que as relações futuras do banco oficial dos EUA com o Brasil seriam favorecidas pela adesão do País ao acordo de Berna, que funciona como uma espécie de associação internacional de seguros de créditos de agências oficiais de importação e exportação.

A participação do País no consenso da OCDE, que define limites de taxas de juros para grupos de países, em operações de financiamento de exportação, foi outra iniciativa que Ryan recomendou “para evitar que cheguemos a situações absurdas”, como as duas ocasiões em que o Eximbank agiu para impedir a exportação das turbinas brasileiras para os EUA.